

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

A SOMBRA DO INVISÍVEL NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE SUICÍDIO, SEXUALIDADES E RAÇA

Paulo Vítor Palma Navasconi, (Bolsista CAPES, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Maringá, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Murilo dos Santos Moscheta (Professor Adjunto B do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá,).

contato: Paulonavasconi@hotmail.com

RESUMO

Negras e negros LGBTTs por viverem sua sexualidade de forma autodeterminada diferente da norma foram estigmatizados historicamente e ainda são invisibilizados socialmente, expropriados de seus direitos e violados no cotidiano das mais diversas formas, ainda assim, permanecem resistindo e lutando por sua dignidade. É neste cenário que buscamos apresentar as discussões desenvolvidas no âmbito de uma pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo é compreender o que a literatura especializada no campo da Psicologia sobre suicídio diz sobre jovens LGBTs negros/as. Interessa-nos saber, por exemplo, como os marcadores de raça e sexualidade são acionados pelos estudos sobre juventude e suicídio, quais efeitos se produz com a introdução, ou exclusão desses marcadores, e como estes estudos contribuem para a construção de uma descrição da realidade e construção de problemáticas mais ou menos sensíveis aos efeitos sociais da raça e sexualidade. Utilizamos os conceitos de branquitude e de heteronormatividade para compreender o modo como a literatura científica sobre o suicídio ignora a interseccionalidade com os marcadores de raça, classe e gênero, e os efeitos político-científicos desse silenciamento.

PALAVRAS-CHAVE: Raça, Sexualidades, Suicídio, Juventude.

Conhecer, entender e discutir fenômenos tão complexos como: racismo, adolescência/juventude, sexualidade, gênero e suicídio parecem-me desafiador, no entanto, a meu ver é necessário, porque parece-me que o campo da psicologia (não só ela) pouco se debruça em discussões frente a tais fenômenos.

O interesse por estes fenômenos descritos acima foram o principal motivo que fundamentou minha escolha pela constituição deste processo dissertativo, bem como as

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

contradições referentes à diversidade humana e o modo que estes fenômenos foram sendo construídos ao longo do processo histórico e social.

Pautando-se nesta construção histórica as discussões e teorias sobre a diversidade humana e conseqüentemente sobre raças na cultura ocidental emergiram como resultado das grandes viagens do século XV, uma vez que, foi nesses encontros entre as diferentes civilizações, que surgiu a necessidade de classificar e definir o que era e quem era a humanidade (SCHUCMAN, 2014). Sendo assim, a ideia de raça é uma das explicações encontradas pela humanidade para classificar e hierarquizar os grupos humanos.

Segundo a autora supracitada, no século XVIII, a cor da pele fora considerada um dos critérios dentro desse processo de classificação pela racialização e, dessa forma, a espécie humana ficou dividida em três raças no qual pode-se afirmar que se permanecem até hoje no imaginário social as quais são: branca, amarela e negra.

Deste modo, o racismo passa ser concebido como sendo uma construção ideológica, que tem seu início a partir dos séculos XV e XVI com a sistematização das ideias e valores construídos pela civilização europeia. Para Foucault (1992) em *Genealogia del Racismo*, o racismo corresponderia a uma ideologia que se cristalizou com base na ideia científica da luta entre as raças, ou seja, justificada pela teoria do evolucionismo e da luta pela vida. E assim, construiu-se a ideia do racismo biológico onde se configura pelo ideário de que há uma raça superior (europeia e branca) a qual seria detentora do saber, da superioridade física, moral e estética em relação às demais raças.

Todavia, entender o fenômeno do racismo não é uma tarefa simples, logo passa ser fundamental entendê-lo dentro de um espaço temporal, histórico e social, pois este

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

fenômeno se configura a partir do surgimento da categoria raça na modernidade, tornando-se assim, uma ideologia necessária para justificar o processo de escravidão dos povos africanos, a colonização e a expansão do capitalismo bem com a ideia de pureza racial (SCHUCMAN, 2014).

O conceito de “raça” é compreendido aqui conforme o de “raça social” teorizado por Guimarães (1999), no qual não se trata de um dado biológico, mas de “construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (p. 153). Dessa maneira, o conceito de raça não apresenta qualquer comprovação científica no bojo das ciências biológicas, no entanto, segundo o autor, são existentes no mundo social, isto é, são produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações dos seres humanos.

Todavia, é importante frisar que a categoria raça que se encontra no imaginário da população e que produz discursos racistas seria ainda a ideia de raça produzida pela ciência moderna entre os séculos XIX e XX. Nesses moldes, raça se caracteriza por ser um operador social que produziu e produz diversos efeitos, sendo usada para agregar indivíduos e grupos que compartilham certos aspectos físicos observáveis e ajuda a determinar uma atitude negativa frente a eles (ZAMORA, 2012).

A partir dessas premissas, é fundamental entendermos que o fenômeno do racismo no Brasil se caracteriza por suas particularidades e especificidades, de modo que o racismo no Brasil de, em maior ou menor grau se configura por ser velado e sutil (SCHUCMAN, 2014). Esta característica encontra-se pautada pela falsa ideia de uma “democracia racial”, ou seja, ao longo da história brasileira passou-se a construir o

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

ideário de democracia racial do qual, os/as brasileiros/as em sua maioria não abrem mão.

Além disso, a ideia do branqueamento que segundo Bento (2002) no Brasil é frequentemente considerado como um problema de pessoas negras que, descontente e desconfortável com sua condição de negro/a, procura identificar-se com branco/a, miscigenar-se com ele/a para assim diluir suas características raciais.

No entanto, tanto a ideia do branqueamento quanto de democracia racial faz com que se tornem manobras políticas e ideológicas visando o encobrimento da discriminação e de que a sociedade brasileira não seria uma sociedade racista. Criando-se a ideia de que seríamos um povo mestiçado e de natureza cordial, e assim o mito de que viveríamos em uma democracia racial ganha força e espaço.

Assim como Schucman (2010) considero o racismo como qualquer fenômeno que justifique “as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos, baseado na ideia de raça” (p. 44). E esta ideia apresenta implicações na subjetividade de pessoas negras, de modo que, atitudes racistas, discriminação e o preconceito frente a estas, são produtores e potencializadores de diferentes formas de sofrimento psíquico.

Com isto, segundo Eribon (2008) o impacto do racismo na subjetividade negra faz com que negros e negras se reconheçam enquanto indivíduos inferiores, isto é, são visualizados no mundo como um objeto de menos valia. Se tratando de jovens negros(as) LGBTs este sofrimento é maior, visto que por viverem sua sexualidade de forma autodeterminada, diferente das prescrições da heteronormatividade foram estigmatizados historicamente e ainda são invisibilizados socialmente, expropriados de

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

seus direitos e violados no cotidiano das mais diversas formas, intensificando ainda mais o sofrimento e o adoecimento psíquico.

A injúria verbal é constantemente reforçada pela imagem do/a negro/a sempre numa posição inferior seja nos meios midiáticos ou nos livros didáticos, e esta inferioridade atribuída às pessoas negras perpetua em sua subjetividade, causando assim, sofrimento psíquico (ERIBON, 2008). Dito em outras palavras, os sentimentos de inferioridade e de não pertencimento à categoria de humanos corresponderiam a nefastos efeitos do racismo que no qual são responsáveis pelo acometimento à saúde psíquica da população negra. Com isto, a juventude LGBT negra que enfrentam o racismo/heterossexismo/machismo, em geral, são oprimidos,(as) rejeitados(as) e excluídos(as) de muitos direitos e, ao que parece, quando se trata de enfrentar essa opressão na adolescência, em muitos casos, os efeitos podem ser o aparecimento de pensamentos e tentativas de suicídio (TEIXEIRA-FILHO e MARRETTO, 2008).

Pessoas (Jovens e adolescentes) negras LGBTs, portanto, passam a ser estigmatizadas pela representação da raça inferior, assim como são estigmatizadas, entre negros(as) e brancos(as), pela representação negativa da sexualidade contra-hegemônica. Neste sentido, não raro jovens negros(as) LGBTs se questionarem a que mundo pertencem?

Desta forma, torna-se possível a articulação com o sentimento de despertencimento vivenciado por jovens negros/as LGBTs na qual, faz com que ele/a se sinta muitas vezes, como um “nada”, desprovido de valor e importância, sentindo-se inferior, acabando muitas vezes por se isolar. Neste ponto Henriques (2010) pontua que a partir da dificuldade de relacionar-se e de se sentir amado, o(a) jovem acaba por se

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

isolar, evitando relações interpessoais, o que se configuraria pelo que entendo por solidão e sentimento de não pertença.

Neste processo de isolar-se muitas vezes, segundo Teixeira (2004), o/a adolescente passa a elaborar as ideações suicidas como forma de lidar com o sofrimento psicológico advindo do sentir-se não correspondido, o que denomino por sentimento de não pertença. Sendo assim, para Wang e Ramadam (2004) os/as adolescentes e jovens suicidas se configuram por apresentar comportamento evasivo e sentimento de desesperança, desamparo e solidão, tendo em vista assim a morte como sendo a única solução para findar tais sentimentos.

Por esse raciocínio entende-se que a longa exposição às situações de desvalorização causa efeitos múltiplos de dor, angústia, insegurança, auto-censura, rigidez, alienação, negação da própria natureza e outros, deixando marcas profundas na subjetividade de jovens negros/as LGBTs. Diante desta realidade começo a fazer alguns questionamentos: Com lidar e problematizar essa realidade? Como proteger a saúde psíquica? Como não odiar um corpo que constantemente passa ser entendido como “não belo” e fora do padrão? Como ampliar as ações de políticas públicas para a superação do massacre psicológico sofrido pela população negra LGBT? O número de jovens negros/as que se suicidam é maior do que jovens brancos/as, o que se tem feito frente a este dado? (AGUIAR, 2012).

Se o pluralismo é próprio da vida em sociedade, é preciso trazer à tona temas centrais que compõem essas várias ideias: a existência de jovens, homens e mulheres gays, negros e pobres. Escamotear isso é negar a diversidade (que muitas vezes oculta e invisibiliza) e asseverar a política da homogeneização ou padronização dos corpos e sujeitos (RIBEIRO, 2015).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

O Suicídio em negros e negras em nosso país não é um fato atual, este se encontra presente desde o período da escravatura, onde era preferível morrer do que viver naquela situação de degradação humana. Por esses entre outros motivos tenho por objetivo compreender e problematizar os efeitos do racismo e seus impactos na subjetividade de jovens negros/as LGBTs.

Para isto, tenho como perspectiva o movimento do Construcionismo Social, o qual toda e qualquer verdade corresponderia a uma verdade com “v” minúsculo, isto é, uma verdade porque algum grupo ou comunidade a legitima como tal, utilizando-se para essa definição parâmetros históricos e culturalmente construídos. Por essa razão, não é possível afirmar ou falar em Verdades com “V” maiúsculo, que seriam verdades que não poderiam ser contestadas por sua contextualidade, e que se sustentariam no espaço e no tempo independente de quem as descreve como tal (GERGEN, 2010; SOUZA, 2014).

Diante desta conjuntura tomamos como o objetivo geral a seguinte questão: “entender o que a literatura especializada diz sobre jovens LGBTTs negros e como estas literaturas discutem a relação dos jovens LGBTTs com comportamento suicida”. Sendo assim, realizaram-se pesquisas em banco de dados *online* Lilacs, Pepsic, Scielo, BDTD (Biblioteca digital de teses e dissertações), Portal da Capes e pelo navegador *Google*.

As palavras-chaves utilizadas foram: adolescência and raça; adolescência and LGBT; gênero and raça; homossexualidade and negritude; homossexualidade and negros; homossexualidade and raça; homossexualidade and LGBT; homossexualidade and afro; jovens and negros; jovens and LGBT; jovens and negros and bissexuais; jovens and negros and travestis; juventude and negra; juventude and negra and LGBT; juventude and LGBT; morte and raça; negro and gay; orientação sexual and raça;

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

suicídio and adolescência; suicídio and jovem; suicídio and raça; suicídio and gênero; suicídio and orientação sexual; suicídio and sexualidade; racismo and sofrimento.

Entretanto, nenhum estudo relacionando comportamento suicídio e jovens LGBTTs negros/as fora encontrado, neste sentido, passamos a nos indagar: Jovens LGBTTs negros/as não idealizam suicídio? Porque essa parcela da população não se encontra presente nos estudos acerca do comportamento suicida? Pautando-se nessas interpelações realizamos novas pesquisas objetivando compreender o que a literatura especializada diz sobre jovens LGBTTs e comportamento suicida. Tendo um número de 10 materiais dentre eles nove artigos e uma dissertação.

Com isto, passamos a nos indagar: Jovens LGBTTs negros/as não idealizam suicídio? Porque essa parcela da população não se encontra presente nos estudos acerca do comportamento suicida? Se em contrapartida enquanto jovem bissexual negro vivencio e compartilho de inúmeras experiências relacionadas à interseção raça, sexualidades e comportamento suicida, porque minhas vivencias e de colegas negros/as LGBTTs não são tomadas como dignas de apreço e visibilidade?

Dentre inúmeras respostas uma delas refere-se à posicionalidade que nos é imposta, visto que é na penumbra da humanidade que a sociedade nos insere e assim, vivenciamos e permanecemos na invisibilidade, estamos morrendo, estamos nos adoecendo, estamos em constante sofrimento psíquico, mas o que a produção de saberes tem feito diante desta realidade? Se a morte passa ser a resolução para a exclusão do meio no qual nós nos encontramos, porque a sociedade não chora e luta a favor das nossas dores? Quais olhares estamos recebendo? Aliás, estamos recebendo olhares? A literatura especializada está disposta a nós ouvir? Posto que, na maioria das vezes nós negros/as LGBTTs gritamos e ansiamos pelo olhar do outro numa tentativa de

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

visibilidade, bem como de ajuda e socorro, mas na maioria das vezes o que recebemos é apenas o silêncio, ou não raro respostas como “isto passa”, “é coisa da sua cabeça”, “você vê opressão em tudo”. Percebe-se que essas vozes podem ser caracterizadas como vozes silenciosas à sociedade, um sinal de que a pessoa está dentro de um grupo formalmente estabelecido, mas simbolicamente sem laços de pertencimento, e assim, seguimos nas sombras da invisibilidade.

Portanto, se a explicação dos fenômenos e do mundo só se sustenta pelas trocas sociais, devemos entender e compreender que a linguagem não é a representação da realidade, mas sim a construtora de realidade. Visto que a linguagem é ação no mundo (SOUZA, 2014), é produto relacional entre indivíduos. Neste sentido, a perspectiva construcionista promove uma postura crítica a todo o momento sobre nossas formas de descrever, conceber e entender o mundo.

É necessário repensar aquilo que damos como certo em nossa maneira de perceber e conceber o mundo e compreender como as descrições e formas de pensar funcionam, para quê servem, e em que situações e para quem. É preciso suspeitar do óbvio. Para algumas pessoas nada mais óbvio e confortável tomarmos o conhecimento eurocêntrico, branco, colonizador como sendo nosso conhecimento representativo. Entretanto, retomo o questionamento: Quais vidas elegemos para representar o saber científico? Historicamente a população negra fora construída para o privado e não para o público, sendo assim demandas socialmente atribuídas como superiores e dignas de intelectualidade eram destinadas apenas a uma população, isto é, para branquitude.

Para tanto, o saber científico não era um lugar da população negra, salvo exceções, uma vez que só éramos vistos e lidos dentro destes espaços quando éramos objetos de estudo. Afinal, a sociedade destinou para a população negra duas realidades

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

que conseqüentemente desencadearam em dois lugares sociais, isto é, a objetificação dos nossos corpos e de nossas vidas e o lugar da subalternidade. Conseqüências? Modos estruturais de manter-nos em lugares subalternos e da retirada de humanidade o que conseqüentemente traz a evidência da objetificação dos nossos corpos, uma vez que não seríamos humanos, mas sim objetos.

Nesta perspectiva, é possível afirmar que a modernidade ocidental é caracterizada pelo espaço e período de violência frente a determinadas povos e culturas, todavia na medida em que estes sofreram a violência passou-se a desenvolver dispositivos e mecanismos de ocultação deste processo violento e devastador. Essa violência matricial teve um nome: colonialismo.

Segundo Santos (2004) esta violência nunca foi incluída na auto-representação da modernidade ocidental porque o colonialismo foi concebido como missão civilizadora dentro do marco historicista ocidental nos termos do qual o desenvolvimento europeu apontava o caminho ao resto do mundo.

De acordo com Bonnici (2005, p. 262), o termo colonialismo caracteriza o modo peculiar como aconteceu a exploração cultural durante os 500 anos causados pela expansão europeia. O colonizador, representante da civilização europeia, fundamentada na ideologia da supremacia da raça branca, cristã e patriarcal desempenhava o papel de impor a civilização europeia ao resto do mundo.

Tendo em vista o discurso colonialista hegemônico este tinha por objetivo civilizar territórios não civilizados, uma vez que a civilização europeia passaria a ser o centro do mundo e única detentora de toda ciência e conhecimento existente, considerando como periferia as outras nações e povos colonizados, marginalizando-os como selvagens, ignorantes e culturalmente subdesenvolvidos com isto, o

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

relacionamento entre colonizador e colonizado era baseado no sistema de diferença hierárquica, desigual e injusta (BONNICI, 1998).

Para o colonizador o colonizado é visualizado como uma população pervertida, depravada, ilegítima, espúria e degenerada, entretanto, esta representação social fora construída com base no saber científico pautado em teorias raciais legitimando a relação de hierarquização onde o diferente precisa ser colonizado para quiçá tornar-se humano e digno de ser visualizado enquanto sujeito de direitos.

Sendo assim, todo este processo histórico, cultural e em todas as formas de discurso, do jurídico ao científico, e dos meios de comunicação, ajudaram e ajudam na produção do “abjeto” como um tipo de diferenciação na qual se confina o excluído. O excluído é produzido no discurso: seu lugar é o silêncio que, em termos sociais muito concretos, realiza-se na injustiça de não poder existir. Essa diferenciação precisa ser analisada e desmontada. Assim como a necessidade de se olhar e questionar o modo de estruturação científica, visto que esta organização não se da naturalmente, ou seja, não refere-se ao um processo linear e inato, mas sim passou-se a instituir modos de se construir saberes, bem como vozes eleitas para produção e reprodução destes saberes, concretizando então em realidades dicotômica: vidas dignas X vidas indigna, objetos de estudo X objeto de exclusões.

Dessa forma, esta exclusão passa ser compreendida como descompromisso político com o sofrimento de outro, de modo que, este problema não pertence a mim (e ao meu grupo) e sim ao outro (abjeto, estranho, diferente). Esta exclusão produz inúmeras consequências tais como, a desvalorização da humanidade, ou seja, a desvalorização do outro como pessoa, visto que estas pessoas passariam a ser consideradas como sendo indignas, sem valor, inadequadas e etc., assim, não há

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

problema que essas vidas sejam prejudicadas e exploradas, aliás, no imaginário deste grupo nem vida são, e sim protótipos de vida, justificando assim, o apagamento dos estudos sobre comportamento suicida em jovens LGBTTs negros, o genocídio, bem como inúmeras discriminações.

Além disto, Bento (2012) afirma que esta cegueira permite que a branquitude (a voz científica) não preste contas, não compense e muito menos não indenize a população negra, posto que o que está em jogo são interesses econômicos, políticos e de poder. Neste sentido, passa ser possível afirmar que o silêncio bem como, a cegueira favorece, protege e mantém os interesses daqueles e daquelas que estão no topo, isto é, “a imagem que temos de nós próprios encontra-se vinculada à imagem que temos do nosso grupo, o que nos induz a defendermos os seus valores. Assim protegemos o “nosso grupo” e excluimos aqueles que não pertencem a ele” (BENTO, 2012, p. 29).

Nesta perspectiva, devemos nos posicionar e combater esta lógica do fazer ciência no qual exclui, negligenciam e hierarquizam vidas, como bem pontua Haraway em *Saberes Localizados* (1995) no qual a autora critica o olhar supostamente neutro da ciência, uma vez que nesse olhar existiria vários marcadores, tais como a noção de branco, ocidental, euro-americano, heteronormativo e dentre outros. Pode-se pensar que dentro deste olhar neutro pressupõe várias coisas que não estão sendo expressas. Como uma forma de contrapor essa neutralidade, Haraway propõe a utilização do conhecimento situado, tanto corporal quanto politicamente. O olhar é mais que percebido, ele é produzido (OLIVEIRA, 2016).

Portanto é necessário e fundamental que caminhemos munidos de desejos, inquietações e desconfortos potencializadores visando um esforço de refletir a possibilidade de subverter e deslocar as noções naturalizadas e reificadas do modelo

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

eurocêntrico e branco do saber científico que conseqüentemente dão suporte e poder à hegemonia da branquitude para criar problemas novas formas silêncio, manutenção da invisibilidade de outros vira a ser.

REFERÊNCIAS

Aguiar, G. O. O suicídio entre jovens negros na perspectiva Durkheimiana. *Identidade*, São Leopoldo, RS, v.17. 2012.

Bento, M. A. S. (2012). Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 5º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Bento, M. A. S. (2012). Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Carone, I; Bento, M. A. S. (2012). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 5. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes.

Bonnici, T. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá, PR: Eduem, 2005.

Bonnici, T. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

Eribon, D. *Reflexões sobre a questão Gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

Foucault, M. *Genealogia del racismo*. Madrid: Ediciones de La Piqueta, 1992.

Gergen, K. J.; Gergen, M. *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Tradução de Gabriel Fairman. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

Guimarães, A. S. A. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. Rio de Janeiro, ed.34, 1999.

Henriques, G. O isolamento existencial e a psicopatologia. *Análise. Psicológica*, Lisboa, v.28 n.4, out. 2010.

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5): pp. 07-41.

Ribeiro, D. O homem negro gay. *Carta Capital*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-homem-negro-gay-4511.html>>. Acesso em 04 de novembro de 2015.

Schucman, L. V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Schucman, L. V. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & Sociedade*, 26, v.1, 83-97, 2014.

Schucman, L. V. Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão. *Psicologia Política*. Vol. 10. n.19, p. 41-55, 2010.

Souza, L. V. Discurso construcionista social: uma apresentação possível. In: Moscheta, M. dos S.; webster-Corradi, C. M.; Souza, L. V. *Construcionismo social: discurso, prática e produção de conhecimento*. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2014.

Santos, B.S. *Um discurso sobre as ciências*. 7º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Santos, B. S. *Do pós-modernismo ao pós-colonialismo: para além de um e outro*. Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.

Teixeira, C. M. F. S. - Tentativa de suicídio na adolescência - *Revista da UFG*, vol. 6, n.1, jun 2004.

Teixeira-Filho, F. S.; Marretto, C. A. R. *Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes LGBTI*. Fazendo gênero: corpo, violência e poder. Florianópolis, 2008.

Zamora, M. H. R. N. Desigualdade Racial, Racismo e seus efeitos. *Fractal, Rev. Psicol.*, v.24 – n. 3, p. 563-578. 2012.